

O SENTIDO ARGUMENTATIVO DE PALAVRAS HETEROSSEMÂNTICAS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Telisa Furlanetto GRAEFF
Universidade de Passo Fundo

Elaine RIBEIRO
Universidade Regional Integrada

Resumo: A afinidade existente entre português e espanhol pode facilitar ou dificultar a aquisição do espanhol como L2. Isso ocorre porque há inúmeros vocábulos que possuem semelhanças no significante e diferenças no significado, o que se denominou na linguagem comum de “falsos amigos”, também chamados falsos cognatos ou palavras heterossemânticas. Observa-se que, em geral, o aprendiz, para atribuir um sentido a essas palavras e/ou expressões, baseia-se, primeiramente, na semelhança que a palavra ou expressão possa ter com outras de sua língua materna; em seguida, tenta fazer uma tradução literal, com o auxílio de dicionário bilíngue. Percebe, então, que, na maioria dos casos, isso não é possível, posto que nem sempre há correspondência de sentido entre palavras ou expressões das duas línguas, e que os sentidos dicionarizados dificilmente se encaixam no sentido contextual que as palavras têm nos discursos. Propõe-se, neste trabalho, um tratamento argumentativo de entidades linguísticas heterossemânticas, com base em Ducrot (2005), que apresenta um fenômeno de homonímia argumentativa, não informativa, a qual só pode ser percebida por quem se interessa pelas possibilidades argumentativas das palavras. Significa assumir que o sentido de uma expressão é constituído por certos discursos que essa expressão evoca; discursos esses denominados encadeamentos argumentativos, constituídos por dois segmentos ligados por um conector, que pode ser do tipo DC (*donc* = portanto) e PT (*pourtant* = mesmo assim). Nessa perspectiva, propõe-se apresentar

os heterossemânticos sempre em encadeamentos desse tipo, a fim de que seu sentido dispense dicionário e memorização, necessitando apenas que se construa o sentido sintagmático que o discurso cria.

1 INTRODUÇÃO

Devido ao parentesco existente entre a língua espanhola e a portuguesa, ambas apresentam características peculiares que, se, por algumas vezes, facilitam o ensino de uma e de outra como língua estrangeira, por vezes o tornam mais difícil. Isso ocorre porque há vocábulos que possuem semelhanças no significante e diferenças no significado, o que denominamos “falsos amigos”, que são tratados por muitos autores por falsos cognatos e/ou palavras heterossemânticas. Percebe-se que o aluno de espanhol como língua estrangeira tem dificuldades em traduzir palavras e/ou expressões heterossemânticas com que se depara. Observa-se que, em geral, o aprendiz, para atribuir um sentido a essas palavras e/ou expressões, baseia-se, primeiramente, na semelhança que a palavra ou expressão possa ter com outras de sua língua materna; em seguida, tenta fazer uma tradução literal, com o auxílio de dicionário bilíngue, o que nem sempre lhe garante sucesso na tarefa. Em vista disso, esse estudo, buscou resolver os problemas de tradução que surgem no ensino de língua estrangeira, quando a busca do sentido se baseia apenas no dicionário e na memória. A questão foi saber como se poderia trabalhar, em sala de aula, com palavras heterossemânticas, caso se assumisse a tese principal da ADL de que o sentido das entidades linguísticas é argumentativo, isto é, constituído num encadeamento em que dois segmentos são ligados por um conector do tipo de *donc* (portanto) ou *pourtant* (mesmo assim).

Nessa direção, objetivou-se neste trabalho oferecer subsídios para atividades com heterossemânticos, com base numa concepção argumentativa de linguagem, mostrando que o sentido literal não dá conta de sua tradução; enfatizar a importância dessa concepção argumentativa de linguagem para a tradução de palavras heterossemânticas, destacando que o sentido de uma palavra depende de sua relação sintagmática com outras palavras; e, ainda,

oferecer uma orientação teoricamente segura para análise e elaboração de materiais didáticos sobre o assunto em foco.

Para a consecução desses objetivos, primeiramente tratou-se da conceituação e tipologia de palavras heterossemânticas; em seguida, foram apresentados fundamentos e conceitos da teoria da Argumentação na Língua (ADL), especialmente de sua fase atual; e, por fim, realizou-se análise dos enunciados com heterossemânticos, para evidenciar problemas de tradução e propor-se, então, uma abordagem pela ADL/TBS. Por último, foram feitas considerações sobre a abordagem da semântica argumentativa à compreensão de palavras heterossemânticas.

2 BASE TEÓRICA

2.1 Palavras heterossemânticas ou “falsos amigos: conceituação e tipologia

É comum que as expressões “falsos amigos”, falsos cognatos ou palavras heterossemânticas sejam consideradas sinônimas, sendo, por este motivo, utilizadas para designar um mesmo fenômeno linguístico.

Ao pesquisar sobre a expressão “falsos amigos”, verifica-se que, para Vaz da Silva e Vilar (2004 p. 03), trata-se de uma expressão usada em Linguística, geralmente em áreas específicas da tradução, para fazer referências a palavras iguais com diferentes significações, ou seja, o “falso amigo” é aquele signo linguístico que, por possuir uma mesma etimologia, possui sua estrutura muito semelhante ou equivalente a de outros signos em uma segunda língua, mas com significado diferente.

O termo *faux-amis*, segundo o *Dictionnaire de la Linguistique*, de Georges Mounin, designa “palavras de etimologia e de forma parecidas, mas de sentido parcial ou totalmente diferente” (MOUNIN, 1974, p. 139, apud VITA, 2004, p. 30).

Para o termo “heterossemântico”, por não encontrar fontes seguras sobre sua criação, assumir-se-á, conforme Vita, que foi Antenor Nascentes (1934 apud VITA, 2004, p. 32) em sua obra “Gramática para uso dos brasileiros”, um dos primeiros a fazer referência aos homônimos

heterossemânticos, definindo-os como “palavras semelhantes com significados diferentes”.

Relativamente ao termo “falsos cognatos”, Sabino (2006 p. 253) entende que a expressão é aceitável somente para aqueles vocábulos que não possuem origem comum, mas que são formalmente semelhantes, o que pode induzir a erros de interpretação de sentidos, pois significam coisas diferentes.

Apesar das diferenças, é normal que pesquisadores, professores e alunos utilizem os termos: “heterossemânticos”, “falsos amigos” e “falsos cognatos” como sinônimos.

Sobre a perspectiva do que é efetivamente um “falso amigo”, Vaz da Silva e Vilar (2004 p.9) afirmam haver diversos fatores e citam como sendo um dos mais ameaçadores o uso que o signo linguístico recebe por parte dos falantes. Para eles, é evidente que “a utilização social que se faz das palavras é determinante na sua semântica, atendendo a que, por vezes é o próprio uso que acaba por desviar os termos para um determinado significado”. Dessa forma, percebe-se que, ao estudar os “falsos amigos”, nem sempre se pode contar apenas com o significado, pois fora das divergências ou afinidades semânticas que as lexias de duas línguas possam oferecer, a falta de uso de uma dessas formas torna inexistente o par linguístico que compõe o “falso amigo”.

Segundo Vaz da Silva e Vilar (2004, p. 13), quatro requisitos são minimamente obrigatórios para a consideração de um “falso amigo”, ou seja, para se considerar uma palavra como “falsa amiga” é necessário que as estruturas externas sejam muito semelhantes; que o vocábulo produza conflito semântico real, tanto isoladamente quanto no contexto de fala; que, se semelhança entre pares for fonética, as duas realizações façam parte dos sistemas padrão das línguas; que as divergências de significados devem proceder de uma primeira interpretação ou de uma segunda significação suficientemente generalizada.

Esses requisitos podem ser resumidos em apenas dois fatores: semelhança de formas e disparidade de significados. Para Vaz da Silva (2004, p. 13), dependendo do plano externo dos signos linguísticos acerca do qual se visa a orientar a relação de falsa analogia lexical e da graduação que atinja a

dissemelhança semântica, podem-se distinguir apenas duas categorias de “falsos amigos”: “*o falso amigo total e o falso amigo parcial.*”

O primeiro caso é aquele onde a semelhança entre dois termos de línguas diferentes envolve os dois planos externos do signo linguístico, a escrita e a oralidade, e sempre que o enfrentamento semântico seja efetuado sobre primeiras acepções. Frente a este caso, o falso amigo parcial é aquele que se realiza apenas sobre a escrita ou sobre a fala, bem como aquele que confronta segundos significados. Com este procedimento Vaz da Silva e Vilar (2004, p. 13) simplificam antigas classificações estabelecidas apenas sobre a aparência externa, considerando, então, a homofonia e a homografia questões secundárias, já que neste momento a relevância é dada totalmente ao nível semântico.

Mas o que provoca o surgimento de um “falso amigo”? A pergunta feita por Vaz da Silva e Vilar (2004, p. 04) é: (...) *o que provoca o falso amigo, dois significantes semelhantes ou significados divergentes?* Para os autores parece que todos os estudos são direcionados para a comparação de formas orais ou escritas semelhantes, incidindo com menor influência sobre as suas diferenças de significado. Este sentido de análise do “falso amigo”, em que se parte do lado externo¹ para acabar no interno, concluindo que as expectativas de sinonímia não ficam saciadas, é válido, mas para os autores não é único. Sem que seja necessário alterar a ordem existente para propor um novo sistema de análise, Vaz da Silva e Vilar (2004, p. 05) realizam esta interrogação: *Quando é que se produz o falso amigo?* Explicam, então, que, no momento do aparecimento de um “falso amigo”, o falante trabalha com duas línguas simultaneamente, no caso - Português e Espanhol, sob um efeito de bilinguismo. Mostram que, para que bilinguismo acontecer, não é necessário que o conhecimento ou uso de dois idiomas, por parte de um mesmo falante, seja total, pois, mesmo que exista apenas a produção escrita ou falada de uma segunda língua, bem como a compreensão só escrita ou só falada, o fenômeno do bilinguismo considera-se realizado. Dessa forma, os estudantes portugueses de espanhol, mesmo em nível inicial, já começam a realizar o

¹ Entende-se, aqui, lado externo como significante e lado interno como significado.

bilinguismo e assim os processos de interferências linguísticas podem surgir em qualquer momento. Vaz da Silva e Vilar (2004, p. 06) afirmam, então, que no “falso amigo” dá-se sempre e obrigatoriamente uma situação de bilinguismo ou, pelo menos, de duas línguas em contato na mente do falante.

Observa-se então, que, em geral, o aprendiz, para atribuir um sentido à palavras e/ou expressões, baseia-se, primeiramente, na semelhança que a palavra ou expressão possa ter com outras de sua língua materna; em seguida, tenta fazer uma tradução literal, com o auxílio de dicionário bilíngue o que, na maioria das vezes, não é possível, pois nem sempre há correspondência de sentido entre palavras ou expressões de duas línguas, e os sentidos dicionarizados dificilmente se encaixam no sentido contextual.

A seguir, serão apresentados princípios da ADL/TBS e conceitos importantes para o tratamento de palavras e expressões heterossemânticas.

2.2 Teoria da Argumentação na Língua: princípios e conceitos

A Teoria da Argumentação na Língua, elaborada por Oswald Ducrot, com início na década de 80, com a colaboração de Jean-Claude Anscombre e posteriormente de Marion Carel, assume que a argumentação está inscrita no próprio sistema linguístico.

A partir dessa noção argumentativa de sentido, Ducrot, juntamente com seus seguidores, vêm, desde a década de 1980, desenvolvendo e aperfeiçoando a ADL, que, até aqui, passou por três fases distintas: a primeira fase, chamada de forma *standard*, teve início em 1983, com a obra *Argumentação na Língua*; a segunda fase contou com a Teoria dos Topoi articulada com a Teoria da Polifonia (1990); a terceira, e mais importante de todas, foi o desenvolvimento da TBS (1995), a qual está também constituindo a Teoria Polifônica Ampliada (2008), cujo objetivo é retomar alguns conceitos da forma *standard* da Teoria da Polifonia, especialmente a relação entre locutor e enunciativos, na análise da negação e da pressuposição, e, ainda, considerar o conteúdo como argumentativo.

A primeira fase da ADL, conhecida como *forma standard*, parte do princípio de que a argumentação acontece a partir de um argumento que leva a uma conclusão, cujo encadeamento discursivo é dado por um conector do tipo

de *donc* (DC) em francês e *portanto* em português. Para Ducrot (1990), essa concepção de linguagem opõe-se à concepção tradicional da argumentação, para a qual um discurso contém uma argumentação, caso se satisfaçam três condições fundamentais: a primeira condição é que o discurso deve conter dois segmentos A e C, sendo A o argumento e C a conclusão; a segunda condição implica que A indica um fato F, que pode ser julgado como falso ou verdadeiro independentemente de C; a terceira condição expressa a ideia de que a conclusão C pode ser inferida a partir do fato F, pois há uma relação de implicação entre eles.

O fato de Ducrot e seus colaboradores terem percebido que todas as línguas possuem pares de frases cujos enunciados designam o mesmo fato, quando o contexto é o mesmo, sendo as argumentações possíveis a partir desses enunciados completamente distintas, é uma das principais evidências do valor argumentativo das palavras, em detrimento de seu valor informativo. Confirma-se o par de enunciados como exemplo: *João comeu pouco no almoço* e *João comeu um pouco no almoço*. Observe-se que, nos dois casos, João ingeriu uma pequena quantidade de alimento. Porém, do primeiro, pode-se chegar a uma conclusão negativa e, do segundo, positiva, ou vice e versa.

A ideia de que as conclusões possíveis, a partir de enunciados como esses, são radicalmente opostas passa a ser contestada, principalmente com base na percepção de que os dois enunciados acima podem autorizar conclusões iguais, dependendo de como é vista a ingestão de alimentos, se como prejudicial ou benéfica. Percebeu-se, em outras palavras, que, com operadores como *pouco* e *um pouco*, por exemplo, pode-se chegar à mesma conclusão com o auxílio argumentativo de diferentes *topoi*, os quais garantem a passagem do argumento para a conclusão. Como exemplo do funcionamento dos *topoi*, observem-se os seguintes enunciados explicitados por Ducrot (1990):

- (19) Trabalhou um pouco, vai ter êxito.
(*Ha trabajado un poco, va a tener éxito.*)
- (20) Trabalhou pouco, vai fracassar.
(*Ha trabajado poco, va a fracasar.*)
- (21) Trabalhou pouco, vai ter êxito.
(*Ha trabajado poco, va a tener éxito.*)

Verifica-se que, caso se acredite que o trabalho induz a êxito, (19) e (20) são perfeitamente possíveis, porém, caso se creia que o trabalho é motivo de fracasso, então, é possível o enunciado (21). Dessa forma, pode-se tirar o mesmo resultado de pouco e um pouco. Tudo depende da ideia que se tem de trabalho.

A noção de *topos* e a noção de polifonia modificam a forma *standard* da ADL, transformando-a no que se denominou forma *standard* ampliada. Conforme Ducrot (1990), um ponto de vista é argumentativo mediante duas condições: quando tende a uma conclusão e quando essa conclusão convoca um princípio argumentativo chamado *topos*, que permite operar uma escolha entre caminhos, que vão de um argumento a uma conclusão (apud Graeff, 2001, p. 51). Conforme Ducrot (1997), é possível definir o enunciador como a origem de um ponto de vista, ponto de vista que consiste em evocar um princípio argumentativo que se pode chamar de *topos*. É esse *topos*, considerado comum à coletividade onde o discurso ocorre, que permite extrair argumento do estado de coisas para justificar essa ou aquela conclusão. Com essa noção de *topos*, constitui-se a possibilidade de uma semântica desvencilhada das condições de verdade.

Tem-se a partir daí que a significação de uma frase é entendida como um conjunto de *topoi*, dentre os quais ela autoriza a aplicação do *topos* que é enunciado. Por exemplo, ao dizer “esse filme é interessante”, o locutor coloca em cena um enunciador, o qual aplica ao filme em questão um *topos* do tipo geral “quanto mais uma obra é interessante, mais (ou menos)...” (cada preenchimento particular dos pontilhados corresponde a um *topos* particular, entre o conjunto de *topoi* fundado sobre o caráter interessante das obras de arte) (Ducrot, 1997).

Na ADL, versão *standard* ampliada, a descrição de uma frase indica, de uma parte o aspecto polifônico, isto é, as grandes linhas do cenário que os enunciadores deverão pôr em cena, conforme cada enunciado particular, e, de outra, o aspecto argumentativo que especifica os *topoi* que os enunciadores têm à sua disposição (Graeff, 2001, p. 52). As noções de polifonia e de *topos* permitem entrever, então, uma semântica desvencilhada das condições de verdade.

Carel (1995) apresenta a Teoria dos Blocos Semânticos, mostrando que os encadeamentos argumentativos conclusivos não exprimem atos argumentativos, sendo seus segmentos interdependentes. Ao mesmo tempo em que se esclarecem mutuamente, fazem sentido no conjunto. De acordo com Carel, as duas partes do encadeamento só constituem o sentido, se tomadas juntas, uma influenciando o sentido da outra.

Carel propõe, na tentativa de construir uma descrição semântica do léxico, que se atribua como sentido a cada palavra um conjunto de encadeamentos argumentativos em DC (= portanto) e em PT (= *pourtant* = mesmo assim), mantendo a decisão fundamental da ADL de não se recorrer à indicação das coisas ou idéias que a palavra supostamente evocaria.

Dentro desse quadro teórico, o enunciado *João economiza, portanto adquire somente o que precisa* estaria realizando o bloco semântico que relaciona, de forma semanticamente interdependente, *economizar/não adquirir coisas supérfluas*. A relação semântica argumentativa que *economizar* e *não adquirir* constroem solidariamente, ou seja, esse bloco semântico dá lugar a quatro aspectos: os recíprocos, positivo e negativo; e os conversos, normativo e transgressivo.

Cumprir referir, ainda, que há dois modos – externo e interno - pelos quais um aspecto pode estar associado às palavras cujo sentido ele constitui. Conforme Ducrot (2002), a argumentação externa (AE) de uma palavra é constituída pela pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua, e que estão ligados a ela de modo externo, isto é, quando a entidade é um segmento do encadeamento. No caso de *economizar*, examinado antes, pode-se dizer que o aspecto normativo *economiza DC não adquire coisas supérfluas* e o aspecto transgressivo *economiza PT adquire coisas supérfluas* constituem a sua AE à direita, enquanto sua AE à esquerda seria *não gasta em coisas supérfluas DC economiza* e *gasta em coisas supérfluas PT economiza*.

Observe-se que, no caso da AE à esquerda, há uma modificação na regra que é válida para AE à direita, segundo a qual se a argumentação externa de uma entidade X (como *economiza* em *economiza DC não adquire coisas supérfluas*) contém o aspecto normativo, ela contém também o transgressivo e vice-versa. Ducrot explica essa diferença e o que muda na comparação das duas:

Quando se trata do aspecto externo à esquerda de uma entidade, a regra que precede, motivada pela preocupação geral de substituir a ordem da realidade pela ordem do discurso, aplica-se ainda, mas exige uma pequena reformulação: se a AE da entidade X contém “Y CON X”, ela contém também o aspecto dito “transposto”, que é “neg-Y CON’ X”. Assim a AE à esquerda de *ter pressa* comporta não somente “ter pressa DC apressar-se”, mas igualmente “neg-ter pressa PT apressar-se”. (DUCROT, 2002, p.9)

Além dessa argumentação externa, que representa a colocação de uma entidade no discurso, uma vez que se refere aos encadeamentos argumentativos que podem preceder ou seguir essa entidade, Ducrot e Carel, no desenvolvimento da teoria dos Blocos Semânticos, postulam a existência de uma argumentação interna (AI), a qual corresponderia aos encadeamentos que parafraseiam a entidade. Assim, uma AI de *Economizar* seria não ter dinheiro para gastar em coisas supérfluas DC não gastar. Observe-se que, no caso da argumentação interna de uma entidade X, a entidade não pode ser um segmento do encadeamento que a parafraseia, nem comportar também o aspecto converso.

Como se percebe, na Teoria dos Blocos, mais do que nunca é fortalecida a ideia da ADL de que somente o discurso é capaz de dar sentido às palavras. Fora dele nada há. Dito de outro modo, para a TBS (Ducrot e Carel, 2005), o sentido de uma expressão, seja ela uma palavra ou enunciado, é constituído pelos discursos que essa expressão evoca. Discursos esses que são chamados de encadeamentos argumentativos.

A partir dessas concepções, retoma-se a questão das palavras heterossemânticas já discutidas neste trabalho. Ao se deparar com palavras e/ou expressões heterossemânticas, o aluno, falante de português e estudante de espanhol como LE, encontra dificuldades na compreensão das mesmas.

Ducrot, em entrevista publicada na revista Delta em 1997, aborda essa questão de tradução, apresentando como exemplo a palavra *rico*:

Entendo, em suma, que a moderação dos impostos para os ricos está conectada com essa percepção da riqueza, ao passo que a sobrecarga fiscal para os ricos pressupõe outra percepção da riqueza, entendida como, conforme já disse, uma apropriação pessoal daquilo que pertence à comunidade. Isto me levaria a dizer que a palavra rico muda de sentido segundo a perspectiva de uma sociedade que sobretaxa a riqueza ou

segundo a perspectiva de uma sociedade que deixa a riqueza proliferar mais livremente. Todavia, podemos traduzir o adjetivo francês *riche* pelo adjetivo português rico. Mas não é claro que essa tradução dê conta, efetivamente, do sentido dessas palavras. Não é por que traduzimos x por y, que y expressa efetivamente o sentido de x.

Observe-se que também é possível utilizar a palavra *rico* para explicitar o caso dos “falsos amigos”. Ao ler o enunciado *Este homem é rico* entende-se que é um homem de muitos bens, enquanto ao ler o enunciado em espanhol *Este hombre es rico* pode-se entender que se trata de um homem de riquezas como também que é um homem bom, generoso, querido. Verifica-se aqui um caso de “falso amigo”, visto que a palavra *rico* adquire sentidos diversos em uma e outra língua.

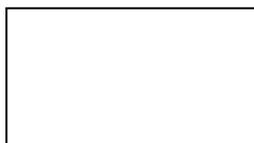
Ducrot (2005) apresenta um fenômeno de homonímia não informativa, mas argumentativa. Confira-se, a seguir, o exemplo apresentado por Ducrot (2005, p. 35-36) que mostra como os segmentos A e B mudam de sentido no discurso, pela interdependência semântica produzida, tratando-se num caso de chegada (BS¹) e no outro de saída (BS²).

Bloco Semântico = (BS¹)

(tempo que traz os acontecimentos)

CHEGADA

tarde **DC** estar oficina.



cedo **DC** não estar oficina.

cedo **PT** estar oficina

tarde **PT** não estar oficina

A é favorável a **B**: O tempo que traz fornece a presença das coisas

A: tarde

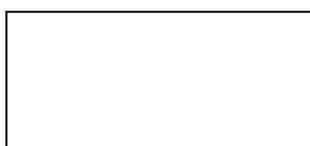
B: estar na oficina

Bloco Semântico = (BS²)

(tempo que leva os acontecimentos)

SAÍDA

tarde **DC** não estar oficina



cedo **DC** estar oficina

cedo **PT** não estar oficina

tarde **PT** estar na oficina

A é desfavorável a **B**: o tempo que destrói é desfavorável à presença das coisas.

A: tarde

B: estar oficina

Com esse exemplo, Ducrot (2005 p. 35) afirma que, com dois predicados A e B se pode, em teoria, construir oito aspectos, aspectos que podem ser reunidos em dois blocos.

Nos exemplos relativos a *estar em sua oficina* se formaram dois blocos que dão a A e a B dois sentidos diferentes.

Nos quatro aspectos do BS¹, A e B têm o mesmo sentido, e nos quatro aspectos de BS², também dividem o mesmo sentido, porém diferente do sentido do BS¹.

Ducrot (2005) destaca, então, que, no caso em que A e B mudam seu sentido, se produz um fenômeno de *homonímia não informativa, mas argumentativa* que somente pode ser percebida por quem se interesse pelas possibilidades argumentativas das palavras. Com base nesse conceito, se proporá, na seção seguinte, um tratamento argumentativo de palavras heterossemânticas.

3 ANÁLISE DE ENUNCIADOS COM PALAVRAS HETEROSSEMÂNTICAS E PROPOSTA DE ABORDAGEM PELA ADL/TBS

Foram tomados para este trabalho quatro enunciados com palavras heterossemânticas de língua espanhola. Primeiramente mostrou-se a dificuldade de tradução dessas palavras. Em seguida, com base em conhecimentos da ADL/TBS, com as noções de bloco semântico, de encadeamento argumentativo, de argumentação externa à direita e à esquerda, e de argumentação interna, mostrou-se como se poderia resolver essa dificuldade.

No enunciado *Mi nombre es Julio y mi **apellido** es Ramírez*, a palavra destacada *apellido* é considerada um “falso amigo”, pois o aluno sofrerá as interferências da língua materna, buscando traduzir a palavra com base no que ele já conhece.

Deve-se considerar, também, que o aluno pode desconhecer que, em língua espanhola, *Ramírez* é um nome de família e, portanto, o sobrenome do sujeito da frase, e não o seu apelido. Pode-se dizer que o contexto linguístico não é suficiente para dirimir a dúvida do estudante de espanhol que não tem esse conhecimento pragmático.

Em vista disso, buscou-se apresentar um encadeamento argumentativo para esta frase como segue:

*Mi nombre es Julio y mi **apellido** es Ramírez*

DC *pertenço à família Ramirez.*

Verificou-se que o encadeamento apresentado possibilita ao leitor o conhecimento de que, se o sujeito da frase pertence à família Ramírez e seu *apellido* é Ramírez, então o significado adequado em português de *apellido* da língua espanhola é *sobrenome*, e não *apelido*, conforme se entende numa primeira leitura baseada no português como língua materna.

Confira-se outro exemplo de enunciado:

*Es un **cachorro** de gata.*

Nesse exemplo, verificou-se que a palavra *cachorro* do espanhol é muito semelhante à palavra *cachorro* do português, porém o contexto no qual está inserida não auxilia o aluno na busca pelo significado adequado. Note-se que seria difícil ler *cachorro* como *filhote* no exemplo.

Contudo, se apresentarmos o encadeamento:

*Es un cachorro de gata **DC** *ainda mama**

encontra-se um sentido para a palavra, pois se estabelece uma interdependência semântica entre ser *cachorro de gata* e *mamar*, a qual dá origem à palavra *filhote*.

Com base nos encadeamentos argumentativos apresentados pelos enunciados, percebeu-se que o aluno encontraria mais facilmente o sentido da palavra, não necessitando do auxílio do dicionário, o qual não dá conta do significado adequado quando se crê que ele seja discursivo, tampouco da

memória a qual pode, em muitos casos, falhar, posto que não nos parece possível armazenar todas as palavras existentes em uma determinada língua.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, verificou-se a importância da concepção argumentativa de linguagem para a tradução de palavras heterossemânticas, focalizando, especialmente que o sentido de uma palavra depende de sua relação sintagmática com outras palavras. Nos exemplos dados, confirma-se a tese da ADL de que somente o discurso é capaz de dar sentido às palavras. Fora dele nada há. Dito de outro modo, para a TBS (Ducrot e Carel, 2005), o sentido de uma expressão, seja ela uma palavra ou enunciado, é constituído pelos discursos que essa expressão evoca. Discursos esses que são chamados de encadeamentos argumentativos.

Como se pôde perceber pelos estudos realizados, a abordagem adotada neste trabalho mostrou-se capaz de simplificar a atividade de leitura e tradução dos “falsos amigos” em língua espanhola, especialmente para os leitores menos proficientes, visto que permitiu, com segurança, pela relação argumentativa entre as palavras, entender o sentido dos enunciados analisados.

Nessa perspectiva, propõe-se apresentar os heterossemânticos sempre em encadeamentos desse tipo, a fim de que seu sentido dispense dicionário e memorização, necessitando apenas que se construa o sentido sintagmático que o discurso cria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Janaína Soares. Los heterosemánticos en español y portugués. Un desafío a la lectura/interpretación: el caso de los “vestibulandos” brasileños. In: *Congresso Brasileiro de hispanistas*, 2002. Disponível em: www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000100032&script=sci_arttext&tlng=es Acessado em 23 out. 2007.

ANDRADE NETA, Nair Floresta. SD. Aprender español es fácil porque hablo portugués: Ventajas y desventajas de los brasileños para aprender español. In: *Cuadernos Cervantes*. http://www.cuadernoscervantes.com/lc_portugues.html

BECHARA, Suely Fernandes. ¡Ojo Com los falsos amigos!: Dicionário de falsos amigos em espanhol y português/Suely Fernandes Bechara, Walter Gustavo Moure: Ilustraciones Laerte. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2002.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa. *Línguas e instrumentos lingüísticos*, n. 8, 2001.

CAREL, Marion. Argumentación normativa y argumentación exceptiva. *Signo & seña*. Buenos Aires: UBA, n° 9, jun.1998.

CEOLIN, Roberto. 2003. Falsos amigos estruturais entre o português e o castelhano. *Revista Philologica Românica*. Disponível em: www.romaniaminor.net/ianua/ianua_04/ianua04_05.pdf. Acessado em: 10 de janeiro 2009. pp. 39-48.

DUCROT, Oswald. Argumentação interna dos enunciados. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, n° 129, set 2002.

_____. *O dizer e o dito*. Campinas (SP): Pontes, 1987.

_____. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

_____. Os internalizadores. *Letras de Hoje*. n. 129, set, 2002.

GRAEFF, T. F. Palavras que argumentam e que constataam no discurso. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 139, p. 95-106, 2005.

_____. *Resumo de textos*: em busca dos blocos semânticos e das unidades semânticas básicas. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

SABINO, Marilei Amadeu. Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganos? Desfazendo a confusão teórica através da prática. In: *ALFA Revista de Lingüística*. 2006. Disponível em: www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50-2/15-Sabino.pdf Acessado em 23 out. 2007. pp. 251-263.

VAZ da SILVA, Ana Margarida Carvalho; VILAR, Guillermo. 2003 (2004). Os falsos amigos na relação espanhol – português. In: *Cadernos de PLE 3*. Disponível em http://www2.ii.ua.pt/cidlc/gcl/files/publicacoes/3PLE_2004d.pdf . pp. 75-96.

VITA, Claudia Pacheco. Os conceitos de falsos amigos, falsos cognatos e heterosemânticos: a discussão de uma sinonímia. In: *III CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS*, 2004. Disponível em: www.ile.cce.ufsc.br/congresso/trabalhos_lingua/Claudia%20Pacheco